

Sobre outras peças do autor:

«[*Em Audição - Com Daisy ao Vivo no Odre Marítimo*], o espectáculo renova-se e reinventa-se, entre o texto e a música, entre o que há de cómico na vida e o que é jogo nessa comicidade. (...) Projecto de um autor de quem não podemos esquecer *Lianor no País sem Pilbas*, prémio Revelação Ribeiro da Fonte que João Mota encenou com grande e merecido êxito.»

Carlos Porto, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 5/3/2003

«As canções [de *Audição*] são a marca do talento musical de Armando Nascimento Rosa.»

João Carneiro, *Expresso*, 22/2/2003

«A peça *Audição - Com Daisy ao Vivo no Odre Marítimo* é um renascer do teatro português.»

Ana de Oliveira Suspiro, *Diário Digital*, 14/2/2003

«O espectáculo do Teatro Maria Matos *Audição*, dirigido por Elvino Camacho, confirmou a qualidade texto-cena do teatro de Armando Nascimento Rosa, já amplamente afirmado com a encenação, pela Comuna, de *Lianor no País sem Pilbas*.»

Duarte Ivo Cruz, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2/4/2003

«[*Audição*] é, sem dúvida, teatro que vem inscrever, de uma vez por todas, o nome de Armando Nascimento Rosa no quadro da mais relevante dramaturgia portuguesa contemporânea.»

Renata Soares Junqueira, *Boletim do Centro de Estudos Portugueses Jorge de Sena* (Universidade Estadual de São Paulo), n.º 19-20, Janeiro/2001-Dezembro/2002

UM ÉDIFÍCIO

ARMANDO NASCIMENTO ROSA



CASA DO SUL
DESDE 1998

Armando Nascimento Rosa

UM ÉDIPO

mitodrama fantasmático em um acto

capa

egora - criação de imagem, lda

sobre tela de

Giorgio de Chirico

(As Costas da Tessália, 1926. Coleção privada)

transcrição para partitura

Paulo Jorge Pires

® *Armando Nascimento Rosa*

publicado por Casa do Sul Editora

apartado 2181 7001-901 Évora

isbn: 972-8661-10-x

depósito legal: 197469/03

impressão e acabamento

Tipografia Lousanense, lda.

Casa do Sul

UM ÉDIPO tem a sua estreia cénica em Lisboa, no TEATRO DA COMUNA (sala 1), em 4 de Julho de 2003, num projecto pontual apoiado pelo IPAE, com produção executiva de MAFALDA SANTOS, e o seguinte elenco artístico:

Encenação	MIGUEL LOUREIRO
Dramaturgia	MIGUEL LOUREIRO e ARMANDO NASCIMENTO ROSA
Música original	ARMANDO NASCIMENTO ROSA

Interpretação, por ordem de entrada em cena:

Tirésias	ÁLVARO CORREIA
Jocasta	MARIA DUARTE
Crisipo	MARTIM PEDROSO
Voz de Pélops	MIGUEL LOUREIRO
Manto	MARIA JOÃO FALCÃO
Édipo	ANTÓNIO FILIPE
Laio	ÁLVARO CORREIA
Cenário	NUNO TOMAZ
Luzes	DANIEL WORM D'ASSUMPCÃO
Figurinos	MARIA DUARTE
Apoio vocal	LUÍS CASTANHEIRA

JOCASTA: *Que pode um homem temer, se está
sujeito à lei do acaso e em nada lhe é possível uma
presciência clara?*

SÓFOCLES, *Rei Édipo*

ÉDIPO: *O mal não pode ser curado pela ignorância.*

SÉNECA, *Édipo*

FIGURAS DO DRAMA

- TIRÉSIAS xamã cego
- JOCASTA fantasma da rainha de Tebas
- CRISIPO fantasma do filho de Pélops
- PÉLOPS presença do pai de Crisipo, evocada por Tirésias
- MANTO filha de Tirésias
- ÉDIPO viandante cego, filho de Laio, ex-rei de Tebas
- LAIO fantasma do pai de Édipo, incorporado por Tirésias

Tirésias, o velho xamã cego, é visitado por Jocasta, que recusa a dar-se por morta. Jocasta esconde o vergão negro de enforcada com um lenço longo cruzado no pescoço. Antes de ambos surgirem ou falarem, ouve-se a Melodia de Manto (ver partitura em anexo), entoada por esta personagem.

TIRÉSIAS: O que vieste aqui fazer, Jocasta? Não é este o lugar dos mortos.

JOCASTA: Depressa soubeste quem eu era! Não esperava isso de um cego como tu.

TIRÉSIAS: A cegueira é a máscara dos sábios. Fecharam-me os olhos do rosto, mas agora até as minhas mãos conseguem ver no escuro. (*Percorre-a, à distância, com as mãos.*) Cada falange é uma pupila de peixe dos abismos.

JOCASTA: Velho xamã dos bosques, ensina-me a viver a morte, já que à vida fiquei presa.

TIRÉSIAS: Não sou sofista nem abri escola para os fantasmas de Tebas. Terás de procurar outro pedagogo, ou então descobrir por ti mesma o caminho. Ninguém a não ser tu te pode guiar na sombra do Hades.

JOCASTA: Mas eu não estou morta! Eu não morri, Tirésias! Porque insistes em falar comigo como se eu fosse um espectro que amedronta os viandantes?

TIRÉSIAS: Nada é mais penoso que ver um mortal sem corpo a fingir-se vivo. Não há teatro mais patético no cosmos. Poupa-me ao teu número dramático! O meu retiro na ravina não é sítio para palcos de Dioniso. És apenas o reflexo vazio do que morreu, o eco visível do que foste. Mudaste de morada, Jocasta. Deverás partir sem demora para as margens do Letes. Caronte é paciente mas tem muitos passageiros.

Antes de partires, queria saber como vieste dar comigo, neste lugar ermo que escolhi para me proteger da inveja dos deuses e do ruído dos mortais.

JOCASTA: Foi a tua filha Manto a indicar-me o caminho. Ao contrário de ti, ela apiedou-se do meu infortúnio. Encontrou-me na fonte de Afrodite, a chorar sobre as águas.

TIRÉSIAS: A minha filha herdou-me o dom da vidência, mas é uma jovem crédula. Não reconhece ainda as artimanhas dos humanos acabados de morrer, quando recusam deixar este mundo. Tu escondeste a cicatriz da corda com o lenço que trazes ao pescoço e ela acreditou nas tuas ficções. *como Tirésias pode saber se é age?!*

JOCASTA: És cruel, Tirésias. Não achas que já tive dor bastante nesta vida?

TIRÉSIAS: A dor ensina melhor do que o prazer, porque temos vontade de sair dela. Já o prazer é uma prisão

de veludo que nos consome, e devora-nos vivos como a esfinge que o teu filho derrotou, pra se casar contigo.

JOCASTA: Esse é o discurso de velho azedo que extrai prazer da dor com que fustiga os outros. Um dia também tu foste compassivo como a tua filha. Ela é tão diferente de ti...

TIRÉSIAS: O que é que lhe contaste para que ela tivesse acedido em revelar-te o sítio onde me isolo do mundo?

JOCASTA: Roguei-lhe a tua ajuda, Tirésias. As desgraças do meu lar exigem que eu perceba os nós desta tragédia. Só o conhecimento nos salva, meu amigo. Foi isto que tu sempre ensinaste aos helenos. Não me vais dizer que a velhice te fez mudar de ideias...

TIRÉSIAS: Mas há conhecimentos que a fraqueza dos mortais é incapaz de suportar. Nesse caso é preferível o véu da ignorância.

JOCASTA: Depois de tudo o que fui forçada a viver, não admito que uses contra mim o argumento da fraqueza. A célebre e falsa fraqueza das mulheres. Tu bem o sabes. Tu que já foste mulher como eu e deste à luz então a tua filha Manto; porque não confessas ao mundo a verdade da tua transformação? Essa história de bater nas serpentes está muito mal contada. Nenhum poeta escreveu sobre ti o

drama que mereces, e olha que há um belo enredo de paixão e desvario no teu passado.

TIRÉSIAS: Que sabes tu disso, mulher?

JOCASTA: Sei o necessário para que Sófocles se interesse pelo meu testemunho.

TIRÉSIAS: Não conheço esse Sófocles. É algum poeta novo de Atenas?

JOCASTA: Há-de vir a ser quando nascer um dia e pelas suas palavras havemos tu e eu de habitar na eternidade dos mitos.

TIRÉSIAS: Agora também profetizas sobre quem pisará a terra no futuro. Não sabia que o meu ofício era assim contagioso.

JOCASTA: Não dizes que estou morta? Então se já morri, escapei ao tempo e para mim todas as épocas convivem como se fossem uma só. Acredita que será o palco de Dioniso a dar-me a glória que a vida me negou. E tu há-de ficar em cena igual a ti mesmo. Sábio e grave como convém a um ancião. Mas senta-te que quero falar de ti.

TIRÉSIAS: Porquê essa atenção súbita na minha pessoa? Pensei que viesses para me fazer perguntas e não para me dar lições que eu já conheço.

JOCASTA: A solidão que buscas transtornou-te o espírito e nada melhor que o fármaco das palavras para regressares a ti mesmo. Os xamãs são humanos e também eles precisam de gente capaz de curá-los.

TIRÉSIAS: Mas eu não estou doente, Jocasta! Escusas de fazer comigo o papel da mãe extremosa. Édipo não sou e nada partilho com ele além da sua cegueira voluntária.

JOCASTA: Os maiores doentes são aqueles que não se conhecem como tal. A vida é doença para o espírito, assim como o espírito é doença para o corpo.

Se acaso morri como dizes, foi há bem pouco tempo e por isso a minha cura está em curso.

TIRÉSIAS: A morte fez-te sábia, Jocasta. Ou foi algum deus que escolheu falar pela tua boca?

JOCASTA: Quem tem o condão de atrair os deuses és tu e não eu.

TIRÉSIAS: Para meu mal assim o é.

JOCASTA: Se assim não fosse, não terias concebido a tua filha Manto, que é hoje o farol gentil dos teus dias. Não blasfemes contra a loucura dos deuses. São eles que incendeiam de luz a noite dos mortais.

TIRÉSIAS: Depois de tudo o que os fados te aprontaram, ainda tens coragem para louvar os inquilinos do Olimpo?

JOCASTA: Eles estão como nós à mercê de poderes maiores. Somos todos deuses e demónios, bem o sabes, mas são raros os mortais que conseguem invocar a força sepultada no útero da alma. Tu soubeste fazê-lo, Tirésias. Por isso foste punido. Nunca se sai ileso de um combate cósmico.

TIRÉSIAS (*demovido pelas palavras dela*): A tua lucidez é um bálsamo na minha velhice infinita. A aluna morta ultrapassou o mestre ainda vivo. Fala-me então de mim, para que eu possa lembrar o que já soube e já esqueci ou não recorde mais por culpa da idade e do orgulho.

Tirésias deita-se de costas no chão, com os braços abertos, enquanto Jocasta fala para o público.

JOCASTA: Tirésias mesmo em novo nunca foi dominado a sério pelos desígnios da carne. Devoto de Hermes e de Atena, o seu instinto era um museu submisso da vontade. O desejo que o fazia revirar as entranhas mortais estava só na sede de conhecer o mistério do mundo. Ninguém se conhece através da posse física, dizia Tirésias. O amor da carne é a fantasia dos orifícios. Ele via no corpo o disfarce onde se avista a luz nas sombras. Tirésias mentia à vida porque para ele a vida era essencialmente uma mentira.

Como o teatro. É por isso que aprendemos tanto com o teatro. Tirésias troçava do carnaval dos vivos. E assustava em voz alta os casais de amantes que encontrava nos banhos de Tebas... (*Para ele.*) Ainda te lembras daquilo que dizias?

TIRÉSIAS (*deitado no chão, recorda as suas palavras de outrora, como quem apregoa um credo*): Vejam meus amigos! O corpo que vos encanta é o figurino baço que se despe no fim da sessão de cada vida. Abafa-se dentro dele. Vocês querem abraçar o que os seduz e não se vê nas formas do corpo. E acabam agarrados a umas carcaças vivas no açougue do mundo. (*Ri-se.*)

JOCASTA: Tirésias desdenhava o amor das mulheres e zombava do desejo dos homens. Recusou-se a pagar o tributo a Afrodite. E esse é um crime que os deuses não perdoam.

TIRÉSIAS: Os deuses não conhecem o perdão. Já devias sabê-lo. Tudo o que é humano é crime para eles. Estar vivo é um crime que pagamos com a própria vida.

JOCASTA: Não desvies o sentido das minhas palavras. Tu não prestavas culto a Afrodite e ela vingou-se do teu desprezo.

TIRÉSIAS: Eu nunca tive sorte com as mulheres. Por isso, acabei por transformar-me numa.

JOCASTA: Afrodite planeou uma armadilha para te castigar. Foi pedir a Zeus que te iniciasse nos mistérios do trovão, dizendo que tu eras o mais sábio dos homens. Entretanto, enquanto dormias, ela verteu no teu leito os perfumes que possuem o seu nome, e que despertam a fúria nos órgãos do prazer. Acordaste a meio da noite com Zeus a agarrar-te como se fosses a mais apetecível das fêmeas da Grécia. Fugiste desse abraço que achaste repulsivo. O filtro de Afrodite não fazia efeito em ti. Apenas Zeus rugia de desejo com a nudez inflamada prestes a alcançar-te. Pegaste num estilete agudo e feriste a serpente erguida de Zeus. Contorcido de dor, o deus perdia sangue e invocou Asclépio para tratar a ferida. Depois, virou-se irado para ti e amaldiçoou-te. - Tu, mortal mesquinho, que ousaste emascular-me, hás-de ser punido neste instante! Vais perder a tua serpente assim como quiseste cortar a minha. O teu corpo mudará em mulher e então os instintos do sangue não vão deixar-te indiferente aos meus abraços.

Assim aconteceu e Tirésias tornou-se na amante favorita que Zeus visitava em noites sem lua, para que o escuro da noite os protegesse do ciúme de Hera. E Tirésias revelou-se uma mulher fecunda. (*Tirésias, deitado no chão, simula, de pernas afastadas, o momento do parto.*) Engravidou de Zeus e deu à luz uma menina. Afrodite sentiu-se vingada e feliz ao ouvir o choro da criança, a procurar na mãe as opulentas maminhas de Tirésias. Mas esse choro sadio chegou aos ouvidos de Hera, que nele reconheceu a divina herança do marido. Com a ajuda de Zeus, Tirésias fugiu com a filha para Creta. Acolheu-as o rei de Cnossos e

esconderam-se no labirinto, onde outrora vagueou o bravio Minotauro. Aí viveram elas sete anos sem ver a luz do sol, apenas saindo do covil nas noites sem lua. Zeus arranjou meio de iluminar o calabouço para que mãe e filha não perdessem a luz da razão. Mas a manhosa Hera acabou por descobri-las. Trouxe com ela um par de serpentes venenosas para matar Manto e Tirésias. E quando as encontrou, atirou-lhes as cobras para cima, gritando de júbilo: - Com a serpente de Zeus te saciaste, bruxa, gerando esta bastardal! Com o veneno das serpentes as duas tombarão na minha frente! Estas cobras só mordem as mulheres e uma vez chegando ao sexo, depositam nele a peçonha mortífera.

Tirésias ocupou-se em matar a cobra que atacava a filha, enquanto a outra cobra procurava no seu corpo a boca vertical. A mãe salvou a garota mas percebeu que era já tarde para arrancar o animal da sua própria virilha, e invocou Afrodite.

TIRÉSIAS (*ergue-se de pé, com os braços elevados em prece*): Afrodite, ó deusa das paixões visíveis! Agora que estou em paz contigo, é hora de acorreres em meu auxílio. Fui iniciada em teus mistérios e por isso já nada te devo a não ser esta filha de quem és madrinha. Peço-te que me deixes viva para poder criá-la. Longo é o caminho dos mortais até à idade de poderem errar em consciência.

JOCASTA: Afrodite apiedou-se de Tirésias e pôs-lhe esta frase na cabeça.

TIRÉSIAS (*repetições em crescendo*): Eu não sou mulher, sou homem, e a serpente de Hera nada pode contra mim! Eu não sou mulher, sou homem, e a serpente de Hera nada pode contra mim! Eu não sou mulher, sou homem, e a serpente de Hera nada pode contra mim!

JOCASTA: Foi então que a mudança aconteceu. O réptil caiu no chão inanimado. Não encontrara ninho para o seu veneno. A túnica desfez-se em farrapos aos pés de Tirésias, descobrindo-lhe a serpente de macho adormecida entre as pernas. Tirésias voltara a ser homem e a esposa de Zeus recuou derrotada pelo poder de Afrodite.

TIRÉSIAS: Abre os olhos e vê, ó grande Hera, como pode esta menina ser filha de Zeus gerada no meu ventre, se sou macho como o teu marido? Ela é fruto de amores meus com uma ninfa de Arcádia. Vai, ó deusa do ciúme, perseguir outra gente. Não sou mulher nem rapaz novo para que Zeus se enamore da minha sombra.

JOCASTA: A mulher de Zeus jamais esqueceu este engano em que foi posta a ridículo. Até ao dia em que soube o que fazer para agredir Tirésias. Em concílio reunido no Olimpo, os deuses quiseram desvendar um segredo insolúvel. Quem tem mais prazer no espasmo de eros, o homem ou a mulher? Chamou-se o sábio Tirésias para decifrar o enigma, ele que tinha memória das duas condições numa só vida. E Tirésias respondeu com olhos provocantes, espetados na cara de Hera.

TIRÉSIAS: A resposta é muito simples. Divida-se o prazer do acto em dez parcelas. Ao homem cabe apenas uma, enquanto a mulher tem nove delas. Ninguém goza no amor como a mulher.

JOCASTA: E Hera fez teatro. Fingiu ficar fora de si por Tirésias revelar o segredo que as mulheres gostariam de ver sempre guardado. Mas no fundo a sua cólera estava em saber que Tirésias experimentara o soberbo gozo de mulher nos braços do marido.

TIRÉSIAS: Eu trocei dela com os olhos e Hera condenou-me à cegueira.

JOCASTA: Mas em memória da paixão, Zeus premiou-te com a longevidade e a vidência dos xamãs.

TIRÉSIAS: Não te iludas, Jocasta. Zeus fez isso para proteger a nossa filha Manto, agora que ela em vez de mãe tem dois pais machos. A minha vida longa e os meus poderes são formas de evitar que Hera volte a tentar matá-la. Por isso, não me separo eu dela.

JOCASTA: Também eu não me devia ter separado do meu Édipo em criança. Voltei a juntar-me a ele em adulto sem sabê-lo. E o nosso idílio foi o castigo de o ter enviado para a morte.

TIRÉSIAS: Agora estás tu a falsear a história do teu drama...

JOCASTA: Antes assim fosse, meu amigo. A desgraça de saber roubou-me a harmonia. Era feliz na inconsciência. Pudesse eu voltar atrás e já não posso. Diria adeus ao trono. Fugiria com Édipo e a terra do exílio havia de ser longínqua, pra que jamais voz alguma gritasse que somos mãe e filho a partilhar o tálamo.

TIRÉSIAS: Mas a voz dentro de ti nunca se calaria aonde quer que fosses, e em vão buscarias nas drogas dos físicos o repouso do sono.

JOCASTA: Não sei, Tirésias. Depois de me enforcar, extinguiu-se a agonia e a culpa. Como quando se sai vivo de uma peste mortal, olhamos as coisas com um deslumbramento virgem. Tudo me parece agora tão simples. Os homens amam as mulheres porque desejam mergulhar de novo no mar das delícias que os trouxe para o mundo. Mesmo que as sintam suas filhas, elas são extensões vivas de si próprios e por isso mães na mesma, promessas de futuro. As mulheres jogam o mesmo jogo e no corpo do amante juntam o pai ao filho imaginado. O amor é um incesto universal. Não valia a pena ter-me enforcado por uma causa tão vulgar como esta.

TIRÉSIAS: Mentas a ti mesma, Jocasta. Mas se a mentira te é útil, usa-a como unguento para as tuas feridas. Foram outros os amores malditos que fizeram a perdição da tua casa. Tu bem o sabes...

JOCASTA: Fala-me agora deles, Tirésias. É a tua vez de cuidares de mim com o verbo da memória.

TIRÉSIAS: As pessoas tagarelam dias a fio sobre o teu romance com Édipo. Identificam-se convosco com se estivessem no teatro. Hão-de fazer do vosso incesto o mito de eros mais famoso da História. Muitas actrizes viverão na cena o teu papel; muitos actores hão-de esmagar morangos sobre os olhos pra fingirem o suplício desse marido que tu deste à luz. Até quando os velhos deuses se apagarem dos altares, o vosso amor continuará a inquietar o coração dos mortais.

JOCASTA: Será preciso sofrer tanto para ganhar a eternidade?

TIRÉSIAS: Mas todos querem esquecer a fonte da maldição dos Labdácidas. A vergonha original será censurada.

JOCASTA: Falas do crime de Laio, o meu primeiro marido.

TIRÉSIAS: Claro, Jocasta! Que mais havia de ser? Quando um golpe de estado em Tebas lhe roubou o poder, Laio pediu asilo político a Pélops, rei de Pisa. Tu não estavas com ele nessa altura difícil.

JOCASTA: Tive de viajar para Samos. A minha mãe moribunda esperava o calor da minha mão para morrer tranquila.

TIRÉSIAS: Cansado das conspirações, Laio passeava a vista na janela do quarto de hóspedes. Prendeu-se-lhe o olhar num belo efebo que avistou no jardim do palácio. Crisipo saía da piscina e corria nu como um atleta a competir com os seus galgos. Na flor da puberdade, Crisipo era uma estátua animada. Atingido pela seta de eros, Laio desceu como uma flecha as escadas na direcção do jardim. Agarrou numa toalha e quando deu por si estava a limpar as costas de Crisipo com gestos maternos, sem temer o rosar dos cães fiéis. O jovem ficou espantado com o desconhecido que de súbito lhe apareceu a fazer o trabalho dos criados. *(Entra Crisipo, encharcado, com rasgões na túnica e uma ferida na testa, de uma queda mortal. Tirésias sai discretamente enquanto o jovem fala.)*

CRISIPO: O meu pai acenou de uma janela e disse-me pra não andar despido em frente das escravas. Não era próprio de um homem decente despertar os instintos do pessoal doméstico. Havia muito trabalho na casa e na quinta e não podia dar-se ao luxo de alimentar as fantasias das servas com o espectáculo do filho desnudo. O hóspede riu-se. Só então ele soube que o dono da casa era o meu pai. Mas as escravas estavam habituadas às minhas corridas, após o banho da tarde. O hóspede é que estava a ver-me pela primeira vez. Vesti a túnica. Laio era o seu nome, disse-

-me, e desafiou-me para um passeio a cavalo. Eu aceitei. Sempre adorei cavalos. Convidou-me a subir para o dorso do seu corcel. Eu preferia montar o meu mas ele insistiu pegando nas rédeas, e de repente dei por mim sentado atrás dele num cavalo que corria tresloucado. Para onde vamos, Laio? Perguntei eu. - Segura-te a mim rapaz, pra não caíres. Gosto de sentir os teus braços enroscados no meu tronco... Comecei a suspeitar que aquilo não era um simples passeio. Cavalgámos várias horas por matas e planícies. Tinha o corpo todo moído. Insisti com ele para que parássemos. O cavalo estava exausto. Anoitecia e finalmente Laio achou por bem repousar junto a um desfiladeiro. Lá em baixo ao longe o rio Cerbero serpenteava como uma víbora negra. Eu tinha fome. Laio trazia enchidos no alforje e pão de aveia. - Temos de passar aqui a noite, disse ele. E que dirá o meu pai, perguntei eu. - Voltamos amanhã de manhãzinha. Não há-de haver problema, respondeu, e riu-se com um riso lascivo. Por que razão teria eu confiado naquele homem, que se dizia rei de Tebas desterrado? Comecei a entrar em pânico. Vamos morrer gelados com o frio deste lugar durante a noite! Gritei eu. Mas Laio indicou-me uma pequena gruta onde nos podíamos abrigar e acalmou-me com um abraço.

- Parei aqui porque sabia desta caverna que serve para os ursos hibernarem no Inverno. Hoje vamos ser nós os ursos que se aquecem um ao outro. Mas se eu era urso, seria dos selvagens e não achei piada quando Laio começou com investidas no interior da gruta. Eu gosto de me divertir com a escrava Argenta e Laio queria fazer comigo aquilo

que eu faço com ela. Desatei aos berros e aos murros e saí a correr fugindo dele. Na noite invisível, Laio chamava por mim a perseguir-me. Eu corria desalmado sem destino. A voz dele soava-me cada vez mais longe e mais aflita. De súbito, faltou-me o chão debaixo dos pés e caí no vazio. O escuro da noite escondia o desfiladeiro do rio Cerbero, que corria no fundo do abismo. *(Pausa.)* Quando o meu pai soube da minha morte, cerrou de raiva os dentes e lançou uma praga que fez tremer as colunas do palácio. *(Crisipo tomba como morto. Pélops, evocado por Tirésias, entra desvairado.)*

PÉLOPS/TIRÉSIAS *(ajoelhado em pietá, com o corpo morto de Crisipo no colo)*: Maldito sejas, Laio, fundador dos pederastas! Raptaste o meu filho varão para saciares o vício e acabaste por roubar também a sua vida. Eu, Pélops, filho de Tântalo, invoco as potestades, a moira imperecível. Que tu, Laio, jamais concebas filhos; que o ventre das mulheres fique seco ao contacto do teu sémen! E se algum dia não for isto cumprido, que o filho que te nasça seja o assassino de seu pai, assim como tu, Laio, foste o assassino do meu filho. Que esse teu filho, ó Laio, seja a desgraça da mãe que o gerou, regressando ao leito dela para cumprir o teu papel de macho inacabado. *(Crisipo levanta-se e sai.)*

JOCASTA: Foi este o início da nossa ruína... Nessa mesma hora os usurpadores desertavam da cadeira real. Laio poderia reaver o trono em glória, se razões houvesse para ela. Eu esperava-o ansiosa, de cá para lá entre as torres de vigia. Quando Laio chegou às portas da cidade, esfarrapado

como um fora-da-lei, os guardas não conseguiram retirar as trancas para o rei poder entrar.

TIRÉSIAS *(regressado à sua personagem)*: Os deuses não queriam que Laio voltasse a casa com o peso do crime nos ombros.

JOCASTA: Mas os deuses também erram e também assassinam. São imperfeitos como a carne humana e fortes porque vencem a morte.

TIRÉSIAS: Laio devia ter expiado a sua culpa, errando pelas estradas, na condição de mendigo.

JOCASTA: Eu não lhe perdoei, Tirésias, acredita em mim. Ele empurrara prá morte um jovem que podia ser seu filho. Mas invadiu-me a piedade ao vê-lo cabisbaixo, junto ao portão maior de Tebas, com as olheiras negras do desespero. Como se a sua cidade recusasse a deixá-lo passar.

TIRÉSIAS: Foi então que tu viraste a fúria de Hera contra ti. A deusa das esposas não achou graça a que fosses branda com um tipo de traição que humilha as mulheres.

JOCASTA: Não me arrependo de ter invocado o espírito de Orfeu para que a porta de Tebas se abra. A cólera do ciúme não me apagou do peito a compaixão por Laio. A beleza dos corpos é o disfarce da morte.

TIRÉSIAS: A cegueira da carne enlouquece os mortais.

JOCASTA: Quem sou eu para julgá-lo? Eu, que me rendi aos encantos viris do filho que engendrei.

TIRÉSIAS: Mas isso foi depois, muito depois. E faz parte da maldição de Pélops... Dizes que imploraste a Orfeu para acudir a Laio.

JOCASTA: Assim fiz. Orfeu não é só o patrono dos poetas. Quando Eurídice se esfumou no Hades, Orfeu renunciou ao amor das mulheres, para não trair a memória da esposa. Ele era ainda um homem novo e as mulheres da Trácia não lhe perdoaram. Orfeu desencaminhava maridos e filhos com o som da sua lira. Um dia elas pediram o auxílio da mulher de Zeus e esventraram o poeta com o tirso das bacantes. Por isso invoquei o espírito de Orfeu para salvar o rei de Tebas. Esse bardo pederasta havia de entender a loucura de Laio. Gritei do alto da muralha: Orfeu! Ó grande Orfeu! Deixa que o meu Laio volte para mim. Sou eu que o devo castigar e não uma reles fechadura! Ouvia-se então um belo canto vindo da floresta e o ferrolho cedeu por magia, como se o untassem com manteiga.

TIRÉSIAS: Foste uma boa esposa. Talvez Laio não merecesse tanto.

JOCASTA: Fiz apenas o papel da rainha que não quer perder o trono. A nobreza do carácter confunde-se

tantas vezes com cinismo... Por vergonha, Laio lançou-se a meus pés quando me viu. Eu ganhei um servo, um cão como marido, mas arranjei a pior das inimigas. A deusa Hera achou o meu acto abominável e enviou um monstro canibal pra devorar quem entrasse ou saísse de Tebas. O resto da história já tu sabes. Engravidei de Laio depois de tanta rês sacrificada em honra de Afrodite. Mas quando Édipo nasceu, o pavor dos oráculos tomou conta de nós todos, a ponto de eu abandonar o bebé que tanto desejara. Julgámo-lo morto, mas Édipo cresceu em Corinto, longe do meu seio e um dia matou o pai sem o saber, em circunstâncias mal esclarecidas. Diz-se que Laio estava acompanhado de alguém quando o filho lhe tirou a vida em duelo, mas ninguém sabe o paradeiro da testemunha. Talvez tu, Tirésias, que lhe abriste os olhos para ele os poder cegar de angústia, me possas contar o sucedido.

TIRÉSIAS: Há um fantasma como tu que é capaz de to dizer melhor que eu. (*Manto surge em cena.*)

JOCASTA: Mas quem eu vejo chegar não é fantasma. É uma jovem bem viva a tua filha Manto, essa moça que tanto me faz lembrar a minha Antígona. (*Afasta-se, discretamente ao vê-la aproximar-se.*)

MANTO (*fala para o pai, sem se aperceber da presença de Jocasta*): Meu pai, está aqui um desgraçado que deseja falar-te. Vinha sozinho pela noite e nem percebo como não caiu desamparado nos rochedos.

TIRÉSIAS: E por que havia o homem de cair, filha? Não está hoje acesa a lua?

MANTO: O homem é cego como tu, pai. Traz no lugar dos olhos dois buracos de sangue coagulado.

JOCASTA (*sussurro audível*): Édipo! Meu filho, meu fogo maldito...

MANTO (*surpreendida*): A senhora também aqui está? Desculpe, eu não a tinha visto. Venho perturbada por dar de caras com uma tragédia viva.

JOCASTA (*descobre o pescoço de enforcada, que o lenço ocultava*): E eu sou uma tragédia morta.

MANTO (*atônita*): Jocasta! Aquela que se enforcou por deitar-se com o filho. Falei então com um fantasma no sopé do monte... Como é estranho este mundo. Os vivos e os mortos coabitam lado a lado uns com os outros, e torna-se difícil distingui-los. (*Fala para o público.*) Bem diz o meu pai que eu sou inexperiente. Nem percebi que Jocasta falava para mim com uma voz sem sopro, sem garganta. A voz desolada dos espectros. E eu não dei por nada, apreensiva pelos olhos inchados da desconhecida... Não me acho com vocação para xamã. O meu pai insiste em cultivar-me os dons de médium. Mas eu não tenho o estofado dele. Não me apetece ser a curandeira da tribo. E depois quem me curaria dos males que todos descarregassem na minha sombra?

*O pai e o filho
colocados em um
país falso no Monte Olimpo no
público.*

Fala-me a multidão de vozes na língua do corpo e percorre-me eu de mim. Olho o espelho e já não sei quem é aquela que me fita do outro lado. Fico fora do mundo e da vida. O pânico frio da ausência. E começo a cantar em voz gritada pra me sentir viva e não quebrar o fio da razão. Um dia desencorpo e não consigo voltar de novo. As ervas que a Pítia me deu para mascar fazem-me mal ao fígado. E eu não preciso de drogas pra viajar por outros mundos... Mas não quero ser herdeira do mester que o meu pai me deixou. Competir com as loucas sagradas de Delfos não está nos meus planos... (*Inebriada.*) O meu sonho era representar em Atenas. Decorar os papéis de Dioniso e sentir que a possessão do palco é somente uma fábula, uma ficção que ensina, que diverte, e também cura as dores da alma. E acima de tudo, curava-me eu a mim. Os actores são filhos dos xamãs. Quando estou em cena, esqueço essa máscara estranha que me olha no espelho e se dá pelo meu nome. (*Para Tirésias.*) Pai, se me amas, desiste de me querer igual a ti! Deixa-me seguir os meus atalhos, mesmo se neles enredar as sandálias.

TIRÉSIAS: Minha filha, pareces ter esquecido que os teatros de Atenas/não contratam mulheres. De nada te serve tentares a sorte. Algum mestre de cena dirá se te vir inspirada: - A menina nasceu com talento... Para depois acrescentar, torcendo o nariz como um pedante: - Mas é uma pena que seja desprovida de membro viril. Assim não poderá subir aos palcos da Grécia!

MANTO: E se eu cortasse rente o meu cabelo como as noivas de Esparta, e vestisse uma toga das tuas? Não achas que poderia passar por efebo?

TIRÉSIAS: Fantasias, filha. Depressa algum alarve te desfazia a máscara, ao passar-te a mão por baixo da túnica. E como escaparias tu aos banhos públicos, que são dever social dos cidadãos?

MANTO: Desculpava-me com uma doença de pele contagiosa.

TIRÉSIAS: Se disseses uma coisa dessas, ninguém queria contracenar contigo. Refreia os devaneios! A confusão do espírito impede a sensatez. E agora vai guiar esse homem até aqui! Hoje o meu retiro tornou-se o sítio favorito de cegos e fantasmas.

MANTO: Eu não sou cega nem fantasma.

TIRÉSIAS: Todos os mortais são fantasmas de si mesmos. Não percebem o que os trouxe a este mundo e vagueiam como cegos na escuridão da cena. *(Manto sai.)*

JOCASTA: Não podes exigir da tua filha aquilo que ela rejeita.

TIRÉSIAS: Ela não se descobriu ainda a si mesma. É a mais difícil das tarefas da vida.

JOCASTA: Vê o meu caso, Tirésias. Estou morta e continuo à procura de mim. *(Entra Édipo guiado por Manto.)*

ÉDIPO: Obrigado minha jovem, por dares o braço a um cego.

MANTO *(amarga)*: Eu já estou habituada com o meu pai. O meu destino é emprestar a vista a homens cegos. *(Sai.)*

TIRÉSIAS: Sê bem vindo, ó Édipo! Tu, que quiseste ser como eu sou. Desejo doido o teu, meu amigo. A cegueira não é prémio cobiçável. *(Tirésias saúda Édipo com um abraço. Jocasta ronda-os, como se desejasse abraçá-lo também. Tirésias faz sinal a Jocasta e fala apenas para ela.)* Podes abraçá-lo, Jocasta. Ele não sente a miragem do teu corpo.

ÉDIPO: Com quem falavas, Tirésias? Há mais alguém conosco além da tua filha? *(Jocasta abraça o tronco de Édipo sem que este dê o menor sinal de a sentir enovelada nele.)*

TIRÉSIAS: Não Édipo, estamos sozinhos. Um cego diante de outro cego.

ÉDIPO: Preciso que me oiças, Tirésias. Tu és o médico das almas. E foi a minha alma doente que lançou a peste sobre Tebas. Por isso mutilei os olhos. Deixei de ver o cenário do corpo pra dar atenção ao meu vazio interior.

TIRÉSIAS: Exageras como sempre. Os mortais como tu acabam em personagens de tragédia.

ÉDIPO (*mexe o corpo como se se quisesse libertar do abraço de Jocasta*): Parece que há qualquer coisa a prender-me os braços, a apertar-me a cara e o pescoço. Se é algum espírito perdido, enxota-o por favor! Só tu sabes como fazê-lo. (*Tirésias faz sinal para que Jocasta se afaste de Édipo e esta obedece, tristonha, ficando como espectadora da cena.*) Obrigado! Livraste-me desta cobra invisível. Quem era a infeliz?

TIRÉSIAS: Uma mulher morta que nunca conheceste, mas que te quer muito bem. Às vezes as pessoas que nos amam estão tão próximas de nós que nem damos por elas.

ÉDIPO: É uma imagem dessas que me obceca. Não páro de vê-la nos meus olhos apagados.

TIRÉSIAS: Quem é que tu vês em sonhos?

ÉDIPO: O cadáver de um homem ensanguentado. Depois observo as minhas mãos manchadas e descubro que a arma do crime me pertence. É meu o punhal que lhe abriu o ventre. Fui eu o autor desse gesto carniceiro. Senti prazer no deslizar suave da lâmina afiada. Rasguei-lhe a barriga como se faz às grávidas que morrem de parto com o bebé ainda vivo. Mas nada havia a retirar deste homem a não ser as vísceras fumegantes. Seria preciso um adivinho

como tu para ler o que elas dizem. Matei-o sem saber quem é. Se o não matasse era ele que me matava. É esta a lei dos machos solitários que se enfrentam numa estrada deserta. Apenas um deles poderá seguir caminho. A voz da raiva é superior à da razão. Está caído a meus pés e saboreio na boca o cuspo grosso da vitória. Que animais nós somos, Tirésias, por ficarmos satisfeitos com a morte dos outros? A alegria de sabermos que a desgraça bateu à porta do vizinho, e ignorou a nossa casa. Matei um homem que me pertencia mais do que o punhal que trago na cintura. E a imagem do seu rosto golpeado deve ser parecida com aquela que o espelho mostra agora de mim. Quando matamos alguém, matamo-los também com ele. Era o que o meu pai Pólibo me dizia em criança, ao ver o gozo bravio com que eu empalava lagartos num atizador de lume. Eu achava que não. Matar para viver é um dever da vida, respondia-lhe. Hoje sei que a vida calça coturnos e vai tirando e pondo as suas duas máscaras. A máscara da comédia e a máscara da tragédia. Às vezes as duas ao mesmo tempo, uma na cara outra na nuca. Mas detrás da máscara só vejo o vazio. Por baixo das vestes, apenas um cabide. A vida é a máscara da morte.

TIRÉSIAS: E a morte é a máscara da vida. (*Aparece Crisipo, inquieto, e fala para Tirésias.*)

CRISIPO: Esse rei cego está a mentir. Deixa-me falar eu com ele. (*Agarra-se aos ombros de Tirésias.*) Dá-me energia para que ele possa ouvir a minha voz gelada. Não

há-de ser preciso muito esforço teu. Ele deve ter um bom ouvido. É o que toda a gente diz dos cegos.

TIRÉSIAS (*tentando libertar-se de Crisipo, fala para ele entre dentes*): Larga-me Crisipo. Eu não posso valer-te. Estou velho e gasto. O meu coração fraqueja e se usares o meu corpo como a pedra de Magnésia, posso apagar-me de repente e ficamos os dois feitos fantasmas.

ÉDIPO: Quem é que está aqui connosco? É outra vez essa morta obcecada por mim?

TIRÉSIAS: Não. Agora é o fantasma de alguém que morreu novo. É Crisipo que te quer falar, Édipo.

ÉDIPO: Deixa-me ouvir esse desgraçado.

TIRÉSIAS: Estás a pedir a minha morte. Eu não tenho forças para emprestar a um morto na flor da idade.

ÉDIPO: Então chama a tua filha! Não é ela a herdeira dos teus dons? (*Crisipo fica agradado com a sugestão e dirige-se para fora de cena.*)

CRISIPO: Bela ideia tu me deste, ó cego de Tebas. Sempre é mais gostoso sugar o sopro ardente de uma virgem do que o mau hálito de um velho reumático.

TIRÉSIAS: Deixa a Manto em paz, alma perdida. Ela não pode ainda meter-se em aventuras dessas.

CRISIPO (*malévolo*): Não temas por mim, Tirésias. Para meu pesar terei de a deixar intacta, pois não sou mais do que a sombra de um bacelo no barro da eira. (*Abeira-se frontalmente de Édipo, e coloca-lhe as mãos nos braços sem que ele dê sinais de o sentir.*) Mas preciso da vossa seiva para que Édipo me oiça. (*Jocasta, que tem estado imóvel, barra o caminho a Crisipo, colocando-se atrás de Édipo. Sem deles se aperceber, Édipo serve-lhes de escudo, e ambos o rondam, como se este fosse um tronco de árvore.*)

JOCASTA: Não vais importunar essa jovem. Se já não tens poder para falar aos vivos, então o teu lugar é na poeira do Hades. Vai-te daqui, Crisipo. O teu papel terminou quando o rio Cerbero te engoliu o corpo.

CRISIPO (*ri-se com sarcasmo*): A minha rival quer expulsar-me do drama. Mas eu ainda tenho coisas a dizer ao teu filho. Não irás impedir-me de contar o que realmente se passou no dia em que este cego assassinou o pai. Ou és tu que preferes calar-me a boca?

JOCASTA: Tu não estavas lá nesse dia. Eu não acredito na memória dos fantasmas. ?

CRISIPO: A descrença é irmã da cobardia.

ÉDIPO: Que se passa, Tirésias? Eu não consigo ouvir nada.

TIRÉSIAS: Não há nada para ouvir.

CRISIPO: (*Jocasta agarra Crisipo prendendo-lhe os braços, impedindo-o de sair em busca de Manto*) Abraças-te ao homem errado. É Édipo quem tu desejas. Ou queres tentar saber o que Laio viu em mim? Mas já vens tarde, mulher. Laio prendeu-se pela minha carne fresca e essa já foi comida pelos peixes. (*Ri-se de novo e grita, chamando por Manto*) Manto! Acode-me ó pitonisa! Esta mulher madura quer violentar a minha sombra. Manto, por favor, dá-me as tuas mãos! Eu sei que gostas de me ver quando eu me introduzo nos teus sonhos. Vem ter comigo. És bela como a estrela Sírius. Tu sim, podes possuir-me agora. (*Manto aparece e dirige-se para junto de Crisipo*)

TIRÉSIAS: Não lhe dês ouvidos, filha!

MANTO (*cínica*): Porquê, meu pai? Então não foi para este ofício que tu me educaste? (*Para Jocasta*) Podes largá-lo, Jocasta. Se ele quer fazer-se ouvir, eu serei a máscara para lhe ampliar a voz. (*Jocasta obedece-lhe, apreensiva*)

TIRÉSIAS (*afrito*): Crisipo irá esgotar as tuas forças. Fantasmás assim são vampiros insaciáveis.

MANTO: Então há muitos mortais parecidos com ele. Não hei-de estranhar muito. (*De pé atrás de Crisipo, Manto concentra-se e coloca ambas as mãos no abdômen dele*)

TIRÉSIAS (*última tentativa de demovê-la*): Não faças isso, Manto. Há coisas que é melhor não serem conhecidas.

Se os deuses tiraram a voz a este espectro, alguma razão de peso tinham em fazê-lo.

MANTO: Cala-te, pai! Contigo a falar não consigo concentrar-me.

CRISIPO (*ácido*): Não temas a concorrência, Tirésias. Deves antes orgulhar-te com os sucessos da tua discípula.

MANTO (*desafiadora*): Se eu dou a vista a cegos, também posso dar voz a mortos censurados. Fala Crisipo! Diz o que te trouxe aqui!

CRISIPO: (*Dialoga com Édipo. Manto permanece sempre com as mãos no abdômen de Crisipo, acompanhando a respiração ventral dele. Ela está birta, de olhos fechados como uma sonâmbula e caminha somente para seguir mecanicamente os passos que ele dá. Tirésias e Jocasta são espectadores da vena*) Pena tenho eu que não me possas ver, Édipo. Mas eu sei que não esqueceste a minha imagem.

ÉDIPO: Estás enganado, Crisipo. Eu nunca te conheci em vida. Apenas o teu nome ressoa no tambor da desgraça dos Labdácidas.

CRISIPO: Mas tu viste-me um dia, Édipo. Numa tarde de Verão abrasadora, capaz de incendiar as pedras.

ÉDIPO: Que tarde foi essa?

CRISIPO: A tarde em que mataste o teu pai. (*Édipo manifesta perturbação e fica em silêncio.*) Não dizes nada agora? Vês como facilmente se apanha um mentiroso? O exercício do poder deixou-te o vício da falsidade. O meu pai era como tu. Há pouco afirmavas que aquele desconhecido estava sozinho na estrada entre Tebas e Corinto. Mas eu fui testemunha do teu crime. Havia alguém na carruagem de Laio quando tu o atacaste. Esse alguém era eu.

JOCASTA (*transtornada*): Não acredites nele, Édipo!

TIRÉSIAS (*voz baixa*): O teu filho não te ouviu, Jocasta.

JOCASTA (*fala para Crisipo*): E mesmo se lá estivesses, como querias tu que Édipo te visse? Tu não passavas de um fantasma transviado a espiar os gestos dos mortais.

CRISIPO: Nesse dia eu estava bem visível. Não me perguntes porquê. Os deuses assim o quiseram. Eu vogava à toa como um cardo no ciclone e dei por mim a pensar em Laio, naquele homem a quem não perdoei a minha morte. Foi Afrodite que me tentou nessa hora. Cisme tantas tolices indignas de mim... Pus-me a falar para a sombra que sou: - Parvo que tu foste, Crisipo. Em vez de fazeres o papel da virgem assustada, porque não correspondeste com prazer às carícias de Laio? Afinal de contas tu estavas vaidoso por seduzires um rei desterrado. Podias ter tido uma noite de amor diferente daquelas que costumavas gozar com as

escravas. Quantos jovens na Grécia não invejariam a sorte de ser raptados como tu, num cavalo negro? E hoje em vez de andares a assombrar os caminhos, vestias a capa púrpura de favorito do rei na corte de Tebas. Quem sabe até se ele não iria aborrecer os beijos de Jocasta, tendo-te por perto? Ocuparias o leito real e Édipo nem teria oportunidade de nascer. (*Ri-se.*) Estátuas de Apolo seriam esculpidas copiando-te a beleza. O amor de Laio tornar-te-ia imortal na memória dos gregos. Ah Crisipo! Tão asno que tu foste. O destino trouxe-te a taça da fama e tu atiraste-a ao rio com o vinho da vida lá dentro.

E enquanto assim pensava, um deus qualquer levou-me até junto de Laio, nessa estrada inóspita. Sentei-me a seu lado e li-lhe os pensamentos. Nós mortos somos às vezes capazes de penetrar no mistério dos vivos. A culpa pela minha morte continuava a minar-lhe o cérebro como um quisto maligno. E juntava-se à ideia de outro crime monstruoso. Laio tinha entregue à morte o seu único filho. Por isso eram minhas as feições do rosto com que Laio imaginava Édipo da idade que ele teria se fosse vivo. Édipo e Crisipo eram cadáveres gémeos no remorso de Laio. (*Tirésias começa a sofrer convulsões em todo o corpo e parece querer lutar contra um intruso invisível. Jocasta apercebe-se e tenta esconjurar Laio.*)

JOCASTA: Some-te daqui, Laio! Não te sirvas do corpo de Tirésias. Ele é um homem velho, de saúde frágil. (*Ela abana repetidamente o corpo de Tirésias, como se tentasse sacudir a presença de Laio.*) Sai! Sai deste corpo que não te pertence!

Não te bastaram os males que propagaste em vida? (*O xamã dá-se por vencido enfim e, como que atravessado por correntes eléctricas, incorpora o espírito de Laio. Empurra vigorosamente Jocasta e aproxima-se de Crisipo, já sob a identidade de Laio.*)

LAIO/TIRÉSIAS: (*Voz em registo mais grave, embora num tom íntimo, para evitar que Édipo oiça.*) Vejo que a minha mulher me repudia depois de ter saboreado o fruto maduro que nela semeiei.

JOCASTA: Tu vais matar Tirésias!

LAIO/TIRÉSIAS (*trocista*): Morrer é o destino dos mortais.

JOCASTA: Não precisamos de ti, Laio. O teu tempo passou.

LAIO/TIRÉSIAS (*ergue a voz, ferido*): Não regressei por tua causa, querida esposa. As nossas contas estão fechadas neste filho que fizemos. Vim por causa dele. (*Refere-se a Crisipo.*) Crisipo chamou-me ao recordar a tarde em que tudo se deu.

ÉDIPO (*tremendo nervosamente*): A quem respondes tu, fantasma?

LAIO/TIRÉSIAS (*lacónico*): A ninguém. (*Pausa. Uma vez junto de Crisipo, fala para ele.*) Pensei que estava doido

quando te vi sentado ali na carruagem. Não falaste, mas eu fiquei calmo porque os teus olhos não me acusavam de nada.

CRISIPO: E eu estava espantado por me conseguires ver, mas não tinha voz para falar. Quis dizer-te que tudo podia ser diferente entre nós. Que não era forçoso caber ao desastre a última palavra.

LAIO/TIRÉSIAS: Eu adivinhei-te, como se me perdoasses a loucura de te ter roubado à casa do teu pai. (*Laio/Tirésias abraça Crisipo.*)

CRISIPO: Abraçaste o fantasma que sou e por momentos julguei voltar a ter um corpo. (*Crisipo e Laio/Tirésias ficam estáticos de braços nos braços enquanto Édipo fala.*)

ÉDIPO: Vi a carruagem atravessada numa curva estreita. Puxei rédeas a fundo. Ficaram nervosos, os meus cavalos, da paragem forçada. E eu não ia melhor. Nesse dia não estava em mim depois daquele mal-encarado numa taberna em Corinto me ter chamado filho sem mãe. Um pastor miserável, podre de bêbado, que o meu pai despediu por ter surripiado vinte ovelhas do rebanho real. Mas ele falou como se fosse o dono da verdade. Gritou-me que eu era filho do acaso e que não tinha o sangue do rei Pólibo, porque este me encontrou no meio da erva, como cria enjeitada, no monte Citéron. Não suportei ouvi-lo. Esmurrei a cara do ladrão e saí da cidade nessa tarde incendiária. Não

me saía da cabeça aquela imagem de ser eu, Édipo, um filho de pais incógnitos. Bem queria eu esquecer, mas no fundo alguma coisa me dizia que o ébrio não mentira. *(Pausa.)* Fiquei irascível com o carro parado a impedir a passagem do meu. Seria emboscada de salteadores ou avaria do engenho? Desci para averiguar. E o que vejo ali, ó deuses! dois homens enroscados como serpentes na encruzilhada. Um mais velho e outro mais novo, com idade para ser seu filho. Aquilo repugnou-me. Eu sei que é costume grego, mas não acho que seja salutar. Não posso desejar a morte a todos, pois nesse caso ficava a Grécia despovoada e vulnerável à conquista dos bárbaros. Mas confesso que às vezes me dá ganas de matar uns quantos, apanhados em flagrante, para aliviar a minha ira. E estes não tinham achado melhor sítio para dar vazão ao ardor dos sentidos, do que ali, estacionados na curva. O mais novo olhava-me calado e com cara mortiça. Pareciam ambos meio palermas. Desafiei o mais velho. *(Para Laio/Tirésias.)* Você já tem idade para ter juízo! Que coisa é esta de impedir o trânsito e fazer da estrada um sítio de deboche?

LAIO/TIRÉSIAS *(como que narcotizado)*: Não sei o que se passa. Estou fora do tempo, meu amigo.

ÉDIPO: Não me chame seu amigo, porque eu não tenho amizade a pessoas que não conheço.

LAIO/TIRÉSIAS: Sabe, este rapaz apareceu-me do além. Tudo isto é muito estranho. Ele é como um filho

que voltasse após muitos anos. Um filho que eu tivesse abandonado em criança em pleno bosque, com receio que ele viesse a disputar o meu lugar e a aniquilar-me quando chegasse a adulto. Você é jovem, não deve ser pai ainda. Mas é algo sinistro este ciúme que sentimos como narcisos doentes. O desejo de matar os filhos para que eles não cresçam o bastante capaz de ensombrar-nos. Eles seriam a prova viva do nosso falhanço e por isso nasce em nós o impulso de os asfixiar. Não são só os filhos que desejam matar e usurpar o trono aos pais. Antes disso, os pais quiseram matar os filhos para que eles não viessem roubar um dia o trono que ocupam.

ÉDIPO *(colérico)*: Você é um perverso incestuoso a misturar matanças e afectos. Fala desse efebo como um filho seu e trata-o como hetaira de aluguer. Se de facto o abandonou às feras, merece a morte que um desconhecido lhe traga, nesta tarde em que o calor derrete o raciocínio.

CRISIPO *(narra para o público)*: Édipo não esperou que Laio lhe respondesse e deu-lhe um primeiro golpe no pescoço. O pai não ofereceu resistência. Tinha abraçado o meu fantasma e percebeu que a morte me enviara como mensageiro. Édipo rasgou-lhe o peito e o ventre à punhalada. Laio despediu-se da vida como quem despe um traje sórdido. Édipo virou-se para mim mas já não me encontrou. Voltei a tornar-me invisível. *(Laio/Tirésias desfalece e cai no chão. Édipo apercebe-se disso e ajoelha-se, tateando, como se tentasse*

socorrê-lo. Manto sai do seu transe, solta as mãos do ventre de Crisipo e aconchega nos braços o pai moribundo. Crisipo fala para Édipo.)

Agora entendo, Édipo...

JOCASTA: Ele não pode já ouvir-te, Crisipo. Não fales mais. Estamos cansados de lições cruéis.

CRISIPO: Mas eu não vou calar o que trago para dizer-lhe. *(Retoma o seu discurso severo, dirigido a Édipo, embora este não dê sinais de ouvi-lo, junto ao corpo inanimado de Laio/Tirésias.)* Agora sei porque procuraste o suplício da cegueira, retalhando os olhos. Tu já eras antes cego por dentro, ao alimentares a raiva homicida. São muitos os deuses a que devemos prestar culto. Foi o que eu aprendi deste lado. Dias virão em que os mortais vão querer fazer reinar um deus absoluto, e mais sangue correrá por causa disso. A vida não é una, é múltipla, é ambígua, e acabaste por sabê-lo de trágica maneira. Tu, Édipo, filho de dois pais, marido de tua mãe, irmão de sangue dos filhos que geraste. És uma e outra coisa ao mesmo tempo. Tiveste de o aprender à custa da tua dor. E poderias não ter matado Laio. Tu, que havias de destroçar a esfinge, não escapaste à maldição do meu pai. Ah Édipo... Se em vez da fúria de Ares, te tivesse possuído a argúcia de Hermes, esse deus alado havia de ensinar-te que a explicação de tudo mora no mais fundo de ti. Decifra-te e descobrirás!

JOCASTA *(num repto a Crisipo)*: Como uma noiva viúva, lamentas a morte de Laio, e não te lembras de Édipo,

nem sequer de ti próprio. Antes de Laio morrer, morreste tu e morreria Édipo se acaso Pólipo o não tivesse recolhido e adoptado como filho. O desejo de matar a descendência não é raro entre os mortais. Quantos tu vês que procuram simplesmente a asfixia da geração seguinte... E por vezes conseguem-no. Outras vezes acabam degolados na curva do caminho. O parricídio que Édipo cometeu foi só um elo na longa cadeia de chacinas. Aos filicidas como Laio escapará sempre uma criança heróica que deles se vingará um dia. *(Pausa.)* Também eu fui cúmplice de Laio. E sabes, Crisipo? Acho que não me enforquei por ter desposado o meu filho. Enforquei-me sim, de remorso, porque um dia o tentei matar. *(Crisipo sai de cena, meditativo.)*

ÉDIPO *(para Laio/Tirésias que continua prostrado)*: Pai, eu não sabia quem tu eras. Estamos todos enredados na maldição de Pélops, mas eu quero ouvir-te ainda. Não me deixes outra vez sem resposta!

TIRÉSIAS *(a voz voltou ao registo inicial da personagem)*: Édipo, o teu pai já se dirige para o Hades. Ele apenas quis deixar na memória de todos as palavras que disse antes da morte. *(Édipo esconde o rosto com as mãos, num pranto mudo.)* Eu vou seguir. É Tirésias agora que morre. Laio esgotou-me o coração.

MANTO: Não partas ainda, pai. Pouco sei do ofício de xamã. Preciso muito das tuas lições.

TIRÉSIAS: Tu não vais ser sibila. Não é essa a tua vocação. (*Tirésias manifesta dificuldade em falar.*)

MANTO (*revoltada*): Maldito Laio que até depois de morto provoca a desgraça dos vivos. Maldito sejas enquanto houver memória nos mortais!

TIRÉSIAS: Manto, engole a tua revolta. Já todos temos maldições de sobra. Foi longa a minha vida. Demasiado longa. A minha alma está cansada de viver. Devo agradecer a Laio o ter-me vindo buscar.

MANTO: Não digas isso, pai. Como é possível estar grato a um carrasco?

TIRÉSIAS: Ele trouxe a chave aos carcereiros para abrirem a cela. (*Perde os sentidos.*)

ÉDIPO (*comovido*): Adeus, Tirésias, sábio amigo. Vou sentir a tua ausência nos caminhos sem luz.

JOCASTA (*conforta Manto*): O teu pai está a passar para este lado, Manto. Não te espantes que o seu corpo se desfaça em pó num só momento. A idade de Tirésias já não era humana. Não haverá cadáver para devolveres à terra. (*Tirésias levanta-se, inseguro, ajudado pelo braço de Jocasta, que doravante o guiará.*) Agora vou eu guiá-lo até que os olhos da morte se abram nele.

MANTO: Tenho ciúmes de ti, amiga. És tu que ficarás com Tirésias e eu estarei sozinha no retiro da ravina. (*Tirésias murmura qualquer coisa a Jocasta.*)

JOCASTA: Ele quer pedir-te uma coisa, mas a sua voz de fantasma ainda é fraca. Sirvo eu de mensageira.

MANTO: O que é pai? O que me queres pedir? (*Tirésias mexe os lábios em silêncio.*)

JOCASTA: Ele diz para saíres deste sítio agreste, onde só abutres fazem ninho. Deverás tomar um barco rumo a Lesbos. Nessa ilha poderás cumprir o sonho de atriz. Porque em Lesbos as mulheres sobem ao palco. Vai para Lesbos, Manto, diz teu pai. Guarda os dons de pitonisa e não dês conversa a mortos vagabundos. Dá antes voz aos vivos nos ritos de Dioniso. No palco encontrarás a harmonia.

MANTO (*emocionada, corre num último abraço ao espectro de Tirésias*): Assim farei, meu pai. Não desejo outra coisa. Obrigada por me dares a liberdade! (*Despede-se de Jocasta.*) Adeus, amiga das sombras. Cuida-me desse velho até que seja novo.

JOCASTA (*beija Édipo uma última vez*): Adeus meu filho, amor terrível que o frio do Hades não consome. (*Sai de cena na companhia de Tirésias, guiando-o pelo braço.*)

ÉDIPO: Diz-me, Manto, como se chama o fantasma dessa amiga que me beijou agora?

MANTO: Tu sabes quem é ela, Édipo. Não preciso pronunciar-lhe o nome.

ÉDIPO: Tens razão. (*Vira-se para o lugar por onde saíram Tirésias e Jocasta.*) Adeus minha rainha! Até ao dia em que a morte nos encontre!

MANTO: A noite tomou conta da terra. Temos de descer ao povoado. Agora não podes ir sem amparo como vieste.

ÉDIPO: Conduzes-me à estalagem de Hipnos? Pedi que Antígona esperasse aí por mim. É ela a minha guia como tu foste do teu pai.

MANTO (*pegando-lhe no braço*): Desta função farei hoje a despedida. Amanhã embarco para Lesbos.

ÉDIPO: Para Lesbos? Dizem que é uma ilha governada por mulheres.

MANTO: Não sei ao certo. Eu nunca lá estive. São outros os poderes que me seduzem. O meu trono está nas máscaras. É para Lesbos que o futuro me empurra. (*Manto conduz Édipo e ambos saem de cena. Ouve-se de novo a Melodia de Manto.*)

Lisboa/Porto/Évora, Julho de 2002

MELODIA DE MANTO

Música de Armando Nascimento Rosa
Transcrição de Paulo Jorge Pires

(Vocalizo/Legato)

The musical score is written on three staves in 4/4 time. The first staff begins with a tempo marking of quarter note = 66. The melody consists of several phrases, some marked 'rit.' (ritardando) and others 'a tempo'. The second staff continues the melody with similar markings. The third staff features a section labeled 'Refrão' (Chorus) with a 4-measure structure, also marked 'a tempo'. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and repeat signs.